

## PARADIGMAS FILOSÓFICOS NA EDUCAÇÃO: DIALÉTICA EM DEBATE

**PROENÇA, Kátia Aparecida Poluca<sup>1</sup>**  
*Universidade Federal de Pelotas*

**OLIVEIRA, Neiva Afonso<sup>2</sup>**  
*Profª. Da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal de Pelotas*

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade expor um paradigma que foi pesquisado dentro do projeto de pesquisa sob o título: “Paradigmas Filosóficos na educação: perspectivas para pensar a educação e formação humanas”. A escolha desse paradigma, dentro do âmbito educacional, surgiu do anseio de investigação da temática que tenta dialogar com a filosofia e a educação.

A etimologia da palavra dialética vem do grego *dialektiké*, a qual deriva da palavra *dialegesthai* que significa “conversar”. Compreendemos, então, que dialética é a arte do diálogo, indo dessa forma, ao encontro da perspectiva do nosso projeto de pesquisa.

Antes de aceitarmos o termo *dialética* precisamos conceituá-lo, pois em diversos momentos da História da Filosofia ela deve relevâncias diferentes. Na Grécia, a dialética era considerada um diálogo, o qual por meio de uma tese era capaz de definir e distinguir todos os conceitos envolvidos dentro da discussão. Segundo, Platão esse é o método filosófico correto para se tornar um filósofo. Já para Aristóteles, distinguiu a dialética dentro do raciocínio demonstrativo (partindo de uma premissa necessário para um conclusão científica) e o raciocínio dialético (parte de ideias gerais para se concluir algo). Afirmando, dessa forma que a dialética pode aparentar ser filosofia, mas não sê-lo de fato, pois, por ser indutivo, não pode oferecer um conhecimento demonstrável. A dialética é, para Aristóteles, “nas palavras de Kant, uma lógica da ilusão” (CAYGILL, H. Dicionário Kant. 2000, p. 100).

No período medieval, a definição mais comumente encontrada para o termo dialética se relaciona à lógica, sendo portanto, nesse caso, a arte de raciocinar e, devido a forte insistência no exercício dialético como tal por parte de alguns disputadores, houve uma considerável reação antidialética. Já, Descartes foi um filósofo que argumentava a necessidade do pensamento dialético pressupor o

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 5º Semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Bolsista PIBIC/UFPEL/CNPq, integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Educação e Práxis Social (FEPráxis) e do Núcleo de Estudos Paulo Freire. E-mail: [katita.poluca@yahoo.com.br](mailto:katita.poluca@yahoo.com.br). Orientadora: Profª. Dra. Neiva Afonso Oliveira, e-mail: [neivaoliveira@gmail.com](mailto:neivaoliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFPel, e-mail: [neivaoliveira@gmail.com](mailto:neivaoliveira@gmail.com).

conhecimento das verdades as quais pretendiam demonstrar, tornando-se inútil quando se pretende na busca de conhecer algo novo.

Kant, também, foi um pensador que rejeitou a ideia de a dialética ser capaz de promover novos conhecimentos, mas retoma a concepção aristotélica, considerando o conceito não mais do que uma lógica da aparência. Segundo ele, a dialética é uma ilusão, pois baseia-se em princípios que são subjetivos. Assim sendo, Kant propõe uma crítica à ilusão dialética, a qual chama de dialética transcendental. A partir da concepção kantiana, a dialética deixa de ser identificada como lógica da ilusão e passa a apresentar a principal característica com a qual é comumente identificada, a saber, “a antinomia de tese e antítese seguida de uma síntese crítica”.

Hegel foi um dos filósofos que mais dedicou-se à temática da dialética e “...sustentava que a questão central da filosofia era a questão do ser, mesmo, e não a do conhecimento.” [...] no reconhecimento de que o sujeito humano é essencialmente ativo e está sempre interferindo na realidade.” (KONDER, 2000, p. 22). Marx surge na mesma linha de Hegel, principalmente aceitando o fato de que o trabalho era a mola que impulsionava o desenvolvimento humano. Entretanto ressalva que a unilateralidade da concepção hegeliana não é capaz de analisar o trabalho como um modo de alienação.

Poper foi um dos maiores críticos do método dialético. Identifica o método dialético marxista como pseudociência, primeiro devido a seu caráter especulativo, depois devido a seu caráter metafísico. Segundo o autor e outros críticos, a dialética não é ciência, tampouco corresponde ao método científico. O modelo científico visa atestar ideias através da experimentação.

Buscamos, então, dentro do âmbito da educação e da formação humanas investigar as ideias filosóficas sobre a dialética que se desenvolvem com o tempo e as influências que exercem nos processos educativos. Para diante disso, expor a nossa síntese sobre o assunto.

## **2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)**

A pesquisa bibliográfica faz parte da investigação filosófica. Dessa forma, organizamos a investigação, iniciamos pelo paradigma dialético, não de modo a alimentar as disputas exaustivas que há entre os filósofos ou relatar combinações existentes entre eles. A estratégia de ação é consolidar o tema dentro do âmbito educacional, para trabalhar um pensamento crítico nessa área. Com isso, em um segundo momento lógico, a compreensão mais clara e detalhada do conceito utilizado acontecerá através da tarefa analítica, na qual o desdobramento do conjunto da rede categorial filosófica, a análise de seus conceitos-chave tornará possível compreender mais precisamente o vigor de cada um na construção do pensamento educacional como um todo.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Fizemos levantamento bibliográfico dentro das linhas de Filosofia, Educação e História para trabalhar a temática.

## 4 CONCLUSÃO

Com o levantamento bibliográfico realizado até o presente momento, ressaltamos o quão significativo ainda é a discussão sobre dialética. De modo, que concluímos que a ideia central da dialética é ter um espírito crítico e autocrítico, examinando constantemente o mundo no qual estamos inserido os dialéticos, sempre dispostos a rever as interpretações em que se fundamentam sua atuação.

## 5 REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOTTOMORE, Tom. *Um Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GILSON, Étienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- KONDER, L. O que é dialética?/ Leandro Konder. – São Paulo: Brasiliense, 2000. – (Coleção primeiros passos; 23)
- POPPER, Karl R. "What is dialectic?". In.: *Mind*, New Series. Vol. 49, No. 196. Oxford: Oxford University Press, 1940.
- MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia – Tomo I*. São Paulo: Edições Loyolla, 2004.